

Casos de meningite voltaram a crescer no país, com mudanças no perfil da doença e aumento das formas bacterianas mais graves. Profissionais alertam que o diagnóstico rápido e a vacinação, essenciais para evitar mortes e sequelas severas

POR JÚLIA SIRQUEIRA*

A meningite — inflamação das membranas que revestem o cérebro e a medula espinhal — é uma doença que pode evoluir rapidamente e causar sequelas irreversíveis. A forma meningocócica, provocada pelo meningococo, é uma das mais graves e tem letalidade global de cerca de 10%, podendo deixar sequelas permanentes em até 20% dos sobreviventes. Dados recentes, divulgados pelo Ministério da Saúde, indicam aumento dos casos no Brasil desde 2022, com destaque para o crescimento das meningites bacterianas, que voltaram a ocupar o primeiro lugar entre as mais graves.

Além do avanço epidemiológico, especialistas reforçam que o cenário exige atenção redobrada para prevenção, identificação precoce de sintomas e vacinação completa. “O objetivo global é reduzir 50% das meningites bacterianas preveníveis por vacina e 70% das mortes por essas mesmas formas, além de melhorar a qualidade de vida após a doença”, explica Ana Medina, líder médica de vacinas da GSK. Ela destaca que o país vive hoje um aumento de casos — inclusive mais elevado até setembro de 2025 em comparação ao mesmo período do ano anterior.

O Brasil também enfrenta mudanças importantes no comportamento da doença. Segundo Medina, houve alteração de sorotipos após a pandemia e uma inversão na faixa etária mais atingida

em alguns países, embora os bebês continuem sendo o grupo mais vulnerável. “As bacterianas são as que mais preocupam porque têm maior gravidade e evolução muito rápida”, afirma. A especialista reforça que a vigilância e o atendimento imediato são cruciais: “A gente só consegue lutar contra aquilo que conhece”.

Entre as histórias que ilustram essa urgência está a de Pedro Pimenta, fundador da Da Vinci Clinic, que enfrentou meningite meningocócica aos 18 anos. Saudável, esportista e no auge dos estudos para o vestibular, Pedro não imaginava que sintomas parecidos com uma gripe pudessem esconder uma infecção tão agressiva. “Os sintomas vieram de forma sorrateira”, relembra. No mesmo dia em que começou a sentir febre, dor de cabeça intensa e mal-estar, o quadro se agravou durante a madrugada — e ele já não conseguia levantar da cama. A rápida piora e a evolução para sepse resultaram na amputação dos quatro membros.

Hoje, com quatro próteses, Pedro usa sua história para alertar sobre o risco da doença e a importância do atendimento emergencial. Sua recuperação, segundo ele, só foi possível por uma série de coincidências — entre elas, a presença inesperada da cunhada, médica pediatra, justamente na noite em que os sintomas se agravaram. “Se esse quadro permanecesse até o dia seguinte, eu não acordaria”, diz.

***Estagiária sob supervisão de Sibeles Negromonte**

Sinais qu

ENTENDA AS DIFERENÇAS

- **Meningite:** processo inflamatório das meninges que envolvem o encéfalo e a medula espinhal
- **Encefalite:** inflamação do parênquima cerebral
- **Meningoencefalite:** inflamação simultânea das meninges e do tecido cerebral

QUADRO CLÍNICO

- Rigidez na nuca
- Febre alta e dor de cabeça intensa
- Náuseas e vômitos
- Fotofobia
- Confusão mental
- Sonolência ou letargia
- Manchas vermelhas ou roxas na pele (sinal grave)

DIAGNÓSTICO

- **Exames de sangue:** hemograma, proteína C reativa, hemocultura, eletrólitos, glicemia, tempo de protrombina e TTPA
- **Exame de imagem/ líquido:** punção lombar para análise do líquido

CONFIRMAÇÃO DO DIAGNÓSTICO

- Isolamento da bactéria no líquido
- Isolamento da bactéria no sangue em pacientes com alteração no líquido
- Detecção da bactéria no líquido por diagnóstico molecular

IDADE

Por mais que a meningite possa afetar pessoas de todas as idades, os grupos de riscos são:

- **Lactentes (primeiro ano de vida):** apresentam os maiores coeficientes de incidência, especialmente para a meningite viral, que é a forma mais comum e, geralmente, mais leve da doença
- **Crianças menores de 5 anos (principalmente até 4 anos):** esse é o grupo mais afetado globalmente, com uma alta prevalência de casos
- **Idosos:** indivíduos mais velhos e aqueles com doenças crônicas ou imunossupressoras têm um risco aumentado de adoecimento, inclusive por agentes bacterianos mais graves como o pneumococo

